



O DITO E NÃO DITO: REFLEXÕES SOBRE REFORMA PSIQUIÁTRICA E MICHEL FOUCAULT

THE SAID AND THE UNSAID: REFLECTIONS ON PSYCHIATRIC REFORM AND MICHEL FOUCAULT

LO DICHO Y LO NO DICHO: REFLEXIONES SOBRE REFORMA PSIQUIÁTRICA Y MICHEL FOUCAULT

João Mário Pessoa Júnior¹, Raionara Cristina de Araújo Santos², Jomara Dantas Pessoa³, Francisco de Sales Clementino⁴, Francisco Arnoldo Nunes de Miranda⁵

RESUMO

Objetivo: refletir sobre contrapontos existentes no processo histórico de Reforma Psiquiátrica Brasileira e o pensamento de Michel Foucault, sob a ótica do dito e não dito. **Método:** estudo filosófico reflexivo sobre a reforma psiquiátrica e o pensamento de Michel Foucault realizado a partir de revisão de literatura sobre o tema. **Resultados:** a discussão encontra-se estruturada em três eixos: o primeiro menciona o dito sobre a reforma psiquiátrica, contextualizando os principais aspectos sociais e políticos que marcaram o movimento; o segundo destaca o filósofo Michel Foucault e sua obra clássica que influenciou o pensamento ocidental sobre loucura; e, no terceiro, são tecidos alguns contrapontos em torno da Reforma psiquiátrica. **Conclusão:** a história oficial da Reforma perfaz episódios e personagens enigmáticos, contrapontos sobre o dito e não dito. **Descritores:** Saúde mental; Filosofia; Ciência; Conhecimento.

ABSTRACT

Objective: to reflect on existing counterpoints in the historical process of Brazilian Psychiatric Reform and the thought of Michel Foucault, from the perspective of the said and the unsaid. **Method:** reflective philosophical study of the psychiatric reform and the thought of Michel Foucault performed from literature review on the topic. **Results:** the discussion is structured in three areas: the first mentions what was said about the psychiatric reform, contextualizing the main social and political aspects that marked the movement; the second highlights the philosopher Michel Foucault and his classic work that influenced Western thinking on madness; and in the third, some counterpoints are woven around the Psychiatric Reform. **Conclusion:** the official history of the Reform totals episodes and enigmatic characters, counterpoints on the said and the unsaid. **Descriptors:** Mental Health; Philosophy; Science; Knowledge.

RESUMEN

Objetivo: reflexionar sobre contrapuntos existentes en el proceso histórico de la Reforma Psiquiátrica Brasileña y el pensamiento de Michel Foucault, sobre la óptica del dicho y lo no dicho. **Método:** estudio filosófico reflexivo sobre la reforma psiquiátrica y el pensamiento de Michel Foucault realizado a partir de revisión de literatura sobre el tema. **Resultados:** la discusión se encuentra estructurada en tres ejes: el primero menciona lo dicho sobre la reforma psiquiátrica, contextualizando los principales aspectos sociales y políticos que marcaron el movimiento; el segundo destaca el filósofo Michel Foucault y su obra clásica que influyó el pensamiento occidental sobre locura; y, en el tercero, son tejidos algunos contrapuntos en torno de la Reforma psiquiátrica. **Conclusión:** la historia oficial de la Reforma tiene episodios y personajes enigmáticos, contrapuntos sobre lo dicho y lo no dicho. **Descritores:** Salud mental; Filosofía; Ciencia; Conocimiento.

¹Enfermeiro, Professor Doutor em Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: jottajunyor@hotmail.com; ²Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Egressa, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mail: raionara_cristina@yahoo.com.br; ³Licenciada em Geografia, Mestre em Geografia, Egressa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mail: jomaradp@hotmail.com; ⁴Enfermeiro, Professor Doutor em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Campina Grande (PB), Brasil. E-mail: fclementino67@yahoo.com.br; ⁵Enfermeiro, Professor Doutor em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Bolsista Produtividade - PQ2/CNPq. Natal (RN), Brasil. E-mail: farnoldo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Revisitar aspectos históricos do surgimento da psiquiatria e o movimento de Reforma Psiquiátrica constitui um exercício filosófico reflexivo necessário quando se remontam saberes/conhecimentos produzidos pelo homem em distintas épocas no campo da saúde. Momento de se buscar compreender de maneira mais ampla tais saberes e sua inter-relação com a dinâmica social envolta de contextos políticos, econômicos e culturais de países.

Reconhece-se nesse trajeto de transformações a existência de figuras e sujeitos que se destacaram tradicionalmente por seu papel, atuação ou até mesmo seus estudos e/ou pensamento sobre determinado fenômeno social,¹ entretanto, partindo-se de um pensamento filosófico crítico e problematizador da história clássica contada, faz-se necessário dar voz aos sujeitos não mencionados nos livros, discursos oficiais e estabelecendo um contraponto, o “não dito” ao que institucionalmente foi “dito” e formulado no processo de produção do conhecimento humano.

Nesse sentido, considera-se que a perspectiva questionadora de sinalizar esse contraponto sobre a história da Reforma Psiquiátrica e a obra clássica de Michel Foucault sobre loucura possibilitará a atitude de repensar o processo transformação do saber médico psiquiátrico ocidental hegemônico para o cuidado interdisciplinar, pautado em novas concepções para atenção em saúde ao indivíduo com transtornos mentais.²⁻³ Parte-se desse exercício de reconstituição dos movimentos reformistas internacionais, reconhecendo as suas consonâncias na história das políticas brasileiras. Assim, o presente estudo tem como objetivo:

- Refletir sobre contrapontos existentes no processo histórico de Reforma Psiquiátrica Brasileira e o pensamento de Michel Foucault, sob a ótica do dito e não dito.

METODOLOGIA

Estudo filosófico, de caráter crítico e reflexivo sobre contrapontos no movimento histórico da Reforma Psiquiátrica e o pensamento de Michel Foucault, elaborado como um dos produtos teóricos da Tese de Doutorado “Perfis e práticas dos profissionais de saúde mental em dois hospitais psiquiátricos de grande porte” defendida no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Atenção à Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ano de 2014.

A discussão encontra-se estruturada em dois eixos: o primeiro, o dito, menciona o dito sobre a reforma psiquiátrica, contextualizando os principais aspectos sociais e políticos que marcaram o movimento e a transformação do pensamento sobre a loucura e surgimento da psiquiatria; e, no segundo, o não dito, tecem-se alguns contrapontos em torno da Reforma, particularmente sobre a figura de Phellipe Pinel e a obra História da loucura de Foucault.

A ANÁLISE

• O dito da Reforma psiquiátrica

Num cenário marcado internacionalmente por um período de desordem social e de intensa crise econômica, especialmente entre os países da Europa, em fins do século XVII, emergiram as primeiras experiências de enclausuramento social, e que ainda não possuíam caráter de medicalização ou enfoque voltado ao tratamento de doenças.⁴⁻⁵ Os hospícios e asilos se configuravam como espaços destinados ao recolhimento e hospedagem de pessoas, em sua maioria, mendigos, desempregados, prostitutas, ladrões, dentre outras, que apresentavam algum tipo de ameaça ao convívio em sociedade.⁵

Um breve retrospecto sobre a trajetória do hospital na sociedade aponta uma origem ligada, num primeiro momento, à Igreja Católica, quando a teologia exercia poder e influência em todo o mundo. Sua estrutura reportava a semelhanças com albergues, casas de apoio aos necessitados, sob a tutela de religiosos que prestavam cuidados espirituais. Coincidentemente, nesse período, vivia-se sob a égide da Idade Média, onde os hereges, as pessoas contrárias ao pensamento hegemônico defendido pela Igreja, estariam condenados à fogueira da Inquisição, pois representavam perigo ao convívio entre os burgos.⁶

No Brasil assinala-se também que os primeiros hospitais instalados tinham caráter filantrópico, vinculados à Igreja Católica. Muitos consideravam esses espaços como “depósitos” humanos, dada a grande quantidade de pessoas que abrigavam com as mais variadas enfermidades ali concentradas. Mencionam-se como exemplos as Santas Casas de Misericórdia, especialmente entre o eixo do Sudeste.³

A partir da Revolução Francesa, novas transformações aconteciam no campo político, econômico e cultural, com a queda da monarquia do Antigo Regime e o advento da burguesia, as quais contribuíram diretamente para mudanças importantes na

medicina, e, especificamente, para o percurso histórico da psiquiatria e da loucura.⁶

A ordem social exigia uma nova conceituação da loucura e, acima de tudo, de suas formas de atendimento. Com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, com o Contrato Social e a livre circulação de pessoas e mercadorias, a nova soberania civil tinha que refletir sobre a responsabilidade e os limites da liberdade.³

Gradativamente, ao longo do século XIX e XX novos estudos, projeções e perspectivas teórico-conceituais foram lançados para as instituições hospitalares, influenciados pelos diversos continentes, particularmente, a Europa. Dentre os apontamentos, refere-se a influência da Enfermeira Florence Nightgale, com os livros lançados *Notes on Hospitals* e *Notes on Nursing*, os quais exerceram influência sobre as discussões referentes à disposição das enfermarias e à qualidade funcional do hospital, dadas as suas experiências e estudos.⁵

Nessa linha, o hospital, instituição antes destinada à filantropia e caridade religiosa, passou a adquirir suas bases sociais e políticas. Atribui-se⁷ ao século XVII como sendo o momento de invenção do Hospital Geral, onde, concomitantemente, houve o direcionamento para os debates em torno do louco e da loucura na sociedade ocidental, embora, num primeiro momento, destinava-se a intervenções punitivas, determinadas por autoridades reais e judiciárias.⁷

Na sua obra clássica, Foucault assinala uma nova postura no campo da produção do conhecimento pela defesa de ideias críticas em torno da psiquiatria enquanto saber científico, rompendo o pensamento absolutista dominante na época numa perspectiva epistemológica que avança em direção ao homem como sujeito, autor principal da produção de conhecimento e da própria filosofia.⁶⁻⁷

Projeta-se, portanto, um lugar social para o dito louco com a instituição de novas formas de lidar e tratá-lo sob a égide do poder médico, onde se entende criticamente os diversos espaços do louco e da loucura na sociedade.³ A imagem de ordem e controle das mazelas humanas dentro desse espaço de confinamento promove uma ideia de que este é o melhor local para que essas pessoas sejam tratadas, ou de que retirá-las de lá se torna um risco para a sociedade.

Com o passar do tempo, os médicos começaram a atuar nesse espaço, no intuito de transformar as práticas ali realizadas, com enfoque nos ideais humanísticos trazidos com a modernidade. Desse modo, os hospitais

tornaram-se ambientes de cura e de tratamento de enfermos, privilegiando a medicalização e o saber da medicina.⁶

O enclausuramento anteriormente vigente, determinado pelos *lettres de cachet* (ditames de reis e autorização dos governos) e que baniam dos espaços sociais as pessoas que ameaçassem a ordem social, passou por um processo de abolição. Não poderia se conceber um pensamento que privasse o direito humano à liberdade, tendo em vista o confinamento absolutista da época.³

Alguns estudiosos costumam denominar esse período como a transição entre a sociedade absolutistas - determinada pela égide de governos totalitários e clericais, para a sociedade disciplinar - de bases normalistas e que imprimiriam gradativamente aspectos de cidadania. A microsociologia das instituições psiquiátricas, consideradas por ele como “instituições totais”, sejam as de caráter clínico, prisional ou conventual. Refere que tanto com a institucionalização forçada ou mesmo a voluntária dá-se início ao processo de mortificação do eu do sujeito.³

Nesse contexto, o doente emergente se naturaliza como produto da exclusão social, sendo considerado um sujeito perigoso e violento para o convívio comunitário.⁷ Prevalencia a cultura de poder do diagnóstico psiquiátrico e psicológico sobre a vida do indivíduo, que, por conseguinte, enfrentaria o processo de estigmatização, sendo destituído de seus direitos civis e teria sua tutela por técnicos e agentes psiquiátricos.

A publicação de *Traité Médico-Philosophique* por Phelippe Pinel, em 1801, se tornou base para a constituição da psiquiatria e a nova conformação da ordem social, contendo pontos fundamentais sobre a ciência da alienação mental, sumariamente definida como doença das paixões, que produziria a perda da sensatez humana sobre a realidade de mundo.⁵ O termo “alienado” (alienare e alienatio) remeteria a algo externo alienígena, fora do mundo; ou que oferecesse riscos ou perigo à sociedade e à ordem moral.

Os escritos arqueológicos e ginecológicos foucaultianos sobre a loucura humana abordam as relações existentes entre o discurso, a prática e o saber, tecendo-se os fundamentos do que viria constituir a psiquiatria e a prática médica psiquiátrica. Dessa forma, as instituições eram concretizadas somente após o conhecimento do fenômeno estudado, e, no caso da doença mental, o desconhecimento na época sobre o fenômeno levaria a criação de uma instituição para buscar, a partir do aprisionamento e

enclausuramento do sujeito, entender as causas que o tornam diferentes dos outros.³

No século XIX, a Psiquiatria assumiu uma postura biologicista, centrando-se na medicina de bases biológicas, mediante o paradigma imperante nas ciências naturais.⁶ Assim, o hospital psiquiátrico contribui para o processo de cronificação do doente mental ao reforçar a submissão desses a mecanismo de violência institucional, impondo a prática do internamento e segregação social por toda vida, seja pelo desconhecimento do fenômeno estudado ou mesmo pela ausência de estratégias terapêuticas de reinserção do sujeito ao convívio familiar e comunitário. Esse modelo clássico da prática psiquiátrica foi e ainda hoje continua sendo difundido na sociedade, embora seja bastante questionado, dados os efeitos de exclusão que opera.

● **Contrapontos sobre a história contada: “o não dito da Reforma psiquiátrica”**

Pinel, convencionalmente, foi considerado o precursor das discussões sobre o alienismo mental e a psiquiatria, sendo-lhe atribuída a honraria de “pai da psiquiatria”. Seu mérito diz respeito à contribuição na fundação dos primeiros hospitais psiquiátricos e à elaboração do tratamento moral para a loucura e o alienado. De acordo com ele, essa modalidade de tratamento “consistia na soma de princípios e medidas que, impostos aos alienados, pretendiam reeducar a mente, afastar os delírios e ilusões e chamar a consciência à realidade. O hospital, enquanto instituição disciplinar seria ele próprio, uma instituição terapêutica”.²

A própria obra de Pinel, *Traite Medico-Philosophique sur l'Alienation Mentale* (1801), com a fundação da psiquiatria e a primeira reforma na instituição hospitalar, estabelecendo os pilares do tratamento moral, feitos considerados grandiosos por estudiosos, é questionada na sua legitimidade por outros, sendo necessário, portanto, assinalar o contraponto a essa história.¹⁻²

Sobre a figura de Pinel, convergem três motivos para o destaque deste na trajetória da psiquiatria: o apogeu social e cultural vivido pela França no século XIX, sua terra de origem; o pioneirismo de Pinel no campo da Psiquiatria, com a instituição das novas modalidades de tratamento para a doença mental e suas bases filosóficas e ideológicas inspiradas na Antiguidade Clássica. Esses substratos subsidiaram a construção da nova psiquiatria.²

Havia três pontos fundamentais que envolviam o tratamento moral que justificam as ações realizadas: o isolamento social; o espaço asilar como recurso predominante e o

autoritarismo. Esses ideais do alienismo pineliano tiveram uma repercussão internacional histórica, e contribuíram para a promulgação da Lei de 1838, na França, legitimando a relação entre o médico e o doente mental, num momento em que política de criação de hospitais de alienados se expandiu entre os vários continentes.¹

Desmistificando essa passagem da história, Gladys Swain (1978), na sua tese de doutorado intitulada *Le Sujet de La folie*, discutiu as controvérsias existentes na história da psiquiatria e no campo da loucura. Criticou todo o “heroísmo” propagado mundialmente em torno de Pinel e sua projeção na imagem de “libertador dos alienados de Bicêtre” [asilos masculino], e posteriormente de “Salpêtrière” [asilos feminino], a partir dos quadros de Charles Muller; numa miscelânea histórica povoada de incertezas e controvérsias sobre seus feitos. Em uma das passagens, ela traz que o filho de Pinel, Scipion Pinel, foi o autor de grande parte de seus estudos e postulado.^{2,8}

Na segunda edição do Tratado, Pinel fez menção às contribuições de “alguém que não ele” para a extinção do sistema de enclausuramento e repressão vigente, destacando as experiências do “Sr. Pussin” no Hospício de Bicêtre ainda de uma maneira tímida. Nesse trecho, ele se referiu ao francês Jean-Baptiste Pussin, o primeiro enfermeiro psiquiátrico do mundo, embora tenha sido esquecido entre os escritos clássicos de Foucault e de outros estudiosos da época. Ele não tinha formação acadêmica na área, mas foi o verdadeiro autor de uma nova abordagem para lidar com o doente mental.¹

Pussin foi um dos precursores do movimento, iniciado na Europa ainda no século XVII, em prol de um tratamento mais humano para as pessoas com transtornos mentais, que não utilizasse métodos de violência, cujo o tratamento moral proposto por Pinel reflete na sistematização da abordagem desenvolvida e aplicada por Pussin, e em virtudes semelhantes em hospícios pela Europa.²

Somado ao fato, críticas iniciais ao pensamento foucaultino vieram do seu ex-aluno Jacques Derrida no ano de 1963, após a publicação da primeira edição da obra *História da loucura na Idade Clássica*, particularmente sobre o prefácio por não concordar com periodização histórica descrita e a metodologia utilizada para apreensão da loucura.⁸ Segundo Derrida, Foucault desconsiderou que a loucura não teve suas origens na antiguidade Greco-romana, a partir da dialética de Sócrates, mas muito antes

Pessoa Júnior JM, Santos RCA, Pessoa JD et al.

O dito e não dito: reflexões sobre Reforma...

desse período; além disso, a postura metodológica defendida pelo autor não era aplicável por considerar impossível sermos porta-vozes dos loucos ao escutar seu silêncio, pois, para tal, seria necessária a linguagem de ordem.⁸

Foucault ainda recebeu duras críticas por adotar uma visão unilateral para analisar o poder e por enfatizar a figura de Pinel na história da psiquiatria, onde reforçou a hegemonia do saber médico no campo da loucura, cujo o modelo asilar representaria o exercício da violência nas práticas psiquiátricas.¹⁻² Além disso, ele não se referiu a existência de documentos e cartas escritas por Pussin conclamando autoridades administrativas e governamentais da França pela liberdade nas internações, solicitações que não foram atendidas.²

Incita-se que o silêncio do filósofo e as especulações de Derrida ainda hoje geram polêmicas entre os estudiosos, especialmente pelo fato do prefácio da primeira edição da obra ter sido retirado na sua segunda edição, embora seu conteúdo inicial permanecesse o mesmo.¹ Por que Foucault subtraiu de sua história da psiquiatria documentos tão valiosos? O fato é que, voluntária ou involuntariamente, o filósofo preferiu empregar o que Barthes havia observado alguns anos antes: o mito da 'naturalização' do acontecimento histórico, como resultante 'não polarizada' de um 'esvaziamento do processo histórico' na sua intensidade significativa e propriamente dialética.^{1-2,8}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oficial perfaz vertentes consideradas "verdades" e, na maioria das vezes, tidas como absolutas, embora permeiam nesse transcurso os contrapontos sobre o dito e não dito. Desse modo, a voz e o direito são prerrogativas fundamentais quando se busca compreender paradigmas e transformações que envolvem o campo da ciência, filosofia e do conhecimento.

Reconhece-se a genial obra de Michel de Foucault no âmbito dos estudos sobre a loucura, psiquiatria e a sociedade moderna. Suas contribuições e influência para o pensamento ocidental ainda hoje se fazem presentes, particularmente no campo da saúde mental, pois a partir dele pode-se repensar as relações entre os sujeitos, entre o louco e a própria loucura, e suas experiências subjetivas sociais decorrentes dessa relação.

Por ser uma temática instigante e desafiadora, os contrapontos assinalados aqui sobre as bases do surgimento da psiquiatria, o pensamento de Foucault e dos pioneiros dos

novos métodos de cuidado ao doente mental emergiu da necessidade de se questionar o percurso histórico da Reforma e suas figuras de destaque. O próprio Pussin esquecido, precursor do cuidado humanizado na saúde mental, e o episódio de Derrida ao criticar seu professor em uma de suas palestras, são fatos que carecem de reflexão. Ressalta-se também a existência de lutas por prestígio nos espaços acadêmicos que podem levar a conflitos e divergências pessoais entre estudiosos e grandes pensadores.

REFERÊNCIAS

1. Pereira Neto AF. Foucault, Derrida e a História da Loucura: notas sobre uma polêmica. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 1994 [cited 2014 Dec 24];14(3):637-641. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v14n3/0102.pdf>
2. Freitas FFP. A história da psiquiatria não contada por Foucault. *História, Ciênc, Saúde - Manguinhos* [Internet]. 2004 [cited 2014 Dec 10];11(1):75-91. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11n1/04.pdf>
3. Machado R. Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 218p.
4. Santos RCA, Pessoa Júnior JM, Fernandes RL, Miranda FAN. Reflections on the brazilian psychiatric reform and its dimensions. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2013 [cited 2014 Dec 12];7(spe):6705-13. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/4770/pdf_40545.
5. Canabrava DS, Souza TS, Fogaça MM, Guimarães AN, Borille DC, Villela JC, et al. Tratamento em saúde mental: estudo documental da legislação federal do surgimento do Brasil até 1934. *Rev Eletr Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2014 Dec 14];12(1):170-6. Available from: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n1/pdf/v12n1a21.pdf
6. Castel, R. A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978. 329p.
7. Foucault, M. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva; 1978. 551p.
8. Derrida, J. Cogito et histoire. In: *L'écriture et la Difference*. Paris: Seuil; 1967.

Submissão: 27/02/2015

Aceito: 02/06/2015

Publicado: 01/06/2015

Correspondência

João Mário Pessoa Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Departamento de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem/PPGEnf - Campus Universitário
Bairro Lagoa Nova
Av. Salgado Filho, s/n
CEP 59072-970 – Natal (RN), Brasil